

 <https://doi.org/10.23925/ua.v25i3.55941>

DEUS ACIMA DE TODOS: BOLSONARO, EVANGÉLICOS E O VOTO NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2018 NO BRASIL

God above all: Bolsonaro, evangelicals, and the vote in the 2018 presidential election in Brazil

Paulo Sérgio Ferreira Barros Júnior¹

Resumo: Por meio de uma revisão bibliográfica, analisa-se como o segmento protestante/evangélico foi fundamental para a eleição de Jair Bolsonaro em 2018. Neste sentido, traça-se uma linha do tempo na qual ressalta-se como a religião influenciou a política brasileira desde o período colonial até os dias atuais, verifica-se como os protestantes inseriram-se na política ao longo da história Brasil e como passaram a buscar influenciá-la com base nos seus princípios religiosos que, geralmente, são relacionados a elementos do conservadorismo comportamental. Esse fator, como analisado no decorrer do texto, foi fundamental para que Bolsonaro conquistasse o apoio da maioria dos evangélicos em 2018. Para a análise do tema, selecionamos autores como Gedeon Alencar (2020), David Mesquiati (2020), Jairo Nicolau (2020), Ricardo Alexandre (2020) e Yago Martins (2020). Vale ressaltar que não se objetiva esgotar o tema, todavia, considera-se que o discurso religioso foi um fator importante para o resultado das eleições de 2018 no Brasil.

Palavras-chave: Religião; política; evangélicos; Bolsonaro.

Abstract: Through a literature review, it is analyzed how the Protestant/evangelical segment was fundamental for the election of Jair Bolsonaro in 2018. In this sense, a timeline is drawn in which it is highlighted how religion has influenced Brazilian politics since from the colonial period to the present day, it can be seen how Protestants entered politics throughout Brazil's history and how they began to seek to influence it based on their religious principles, which,

¹ Mestrando em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória (FUV), licenciado em História pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR), Bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER),

 0000-0003-0820-1758, ms.paulo.junior@gmail.com.



as a rule, are related to elements of conservatism. behavioral. This factor, as analyzed throughout the text, was fundamental for Bolsonaro to win the support of most evangelicals in 2018. For the analysis of the theme, we selected authors such as Gedeon Alencar (2020), David Mesquiati (2020), Jairo Nicolau (2020), Ricardo Alexandre (2020) and Yago Martins (2020). It is noteworthy that the objective is not to exhaust the theme, however, it is considered that the religious discourse was an important factor for the result of the 2018 elections in Brazil.

Keywords: Religion; policy; evangelicals; Bolsonaro.

Introdução

O presente artigo tem como tema “Deus acima de todos: Bolsonaro, evangélicos e voto nas eleições presidenciais de 2018 no Brasil.” Busca-se analisar quais fatores contribuíram para que o segmento evangélico se tornasse um dos principais apoiadores do candidato Jair Bolsonaro nas eleições de 2018.

Neste sentido, verificou-se que o discurso religioso foi um fator marcante nas eleições presidenciais de 2018 no Brasil, discurso moldado principalmente por aspectos da moralidade cristã. Observa-se que mesmo com a participação de candidatos declaradamente evangélicos como Marina Silva (REDE) e Cabo Daciolo (Patriota), foi o católico Jair Bolsonaro que contou com o apoio massivo deste segmento nos dois turnos da corrida presidencial no referido ano.

O discurso de Jair Bolsonaro no período eleitoral é permeado por referências diretas a textos bíblicos, defesa da família tradicional brasileira, combate à “ideologia de gênero” e ao “kit gay”, projetos da esquerda, segundo o então candidato do PSL, o colapso econômico que instauraria no país caso o candidato do Partido dos Trabalhadores vencesse, foram temas enfatizados em sua campanha. A batalha espiritual, enquanto guerra do bem contra o mal, muito enfatizada no neopentecostalismo, é transferida para a arena política brasileira: Bolsonaro seria a via que livraria o Brasil da ruína moral, política e econômica.

Para a realização da análise proposta neste artigo, destaca-se a contribuição dos pesquisadores Gedeon Alencar (2020) e David Mesquiati (2020), a análise dos principais fatores que marcaram as eleições de 2018 feita pelo cientista político Jairo Nicolau (2020), a visão crítica da relação entre religião e política feita pelo jornalista Ricardo Alexandre (2020) e pelo teólogo Yago Martins (2020), bem como a análise de vídeos, dados e pesquisas disponíveis na internet e que são citadas ao longo do texto.

O objetivo principal deste artigo é analisar como a religião influencia a política brasileira desde o período colonial até os dias atuais, verificar como o segmento protestante/ evangélico se inseriu em questões políticas durante a história do país e como estes constituem-se enquanto eleitorado que, em sua maioria, inclina-se ao conservadorismo, sobretudo, no campo comportamental, fato que contribuiu para que Bolsonaro obtivesse muitos votos a partir dessa parcela da sociedade brasileira.

1 A influência cristã conservadora na política brasileira

No dia 23 de setembro de 2020, em discurso gravado e exibido na Assembleia-Geral da Organização das Nações Unidas, Jair Bolsonaro afirmou que “O Brasil é um país cristão e conservador, e tem na família sua base” (ISTOÉ, 2020). Historicamente é possível compreender a influência que o cristianismo exerceu no Brasil desde o início da colonização até os dias atuais. Neste sentido, traçaremos um breve histórico sobre a presença do cristianismo no Brasil, considerando suas expressões católicas e protestante/evangélica.

O catolicismo português no século XVI exerceu forte influência na cultura brasileira. Os nomes dados à terra recém “descoberta” e para suas formas de relevo, hidrografia etc., eram nomes de origem religiosa cristã. O período em que ocorreu a colonização do Brasil coincide com as tensões experimentadas na Europa em virtude da eclosão da Reforma Protestante. Neste contexto, a Igreja católica organiza um movimento de reação ao avanço protestantismo e de reafirmação do catolicismo. Em cooperação com a expansão marítima europeia, o catolicismo passou a investir na evangelização dos povos nativos do “Novo Mundo” (CÉZAR, 2000, p. 20). É perceptível que a religião, sobretudo o catolicismo, sempre teve um papel importante na política brasileira, pois, desde a colonização portuguesa no século XVI até o fim da Monarquia, em 1889, “o Estado e a Igreja Católica estiveram fundidos através do sistema de patrocínio entre a Santa Sé e a Coroa Portuguesa” (ARRUDA, COSTA, MAGALHÃES, 2020, p. 6).

A separação formal entre Igreja e Estado ocorreu com a Constituição republicana de 1891, todavia, esse rompimento que é estabelecido pela legislação “não encerrou a manutenção dos valores morais católicos como uma característica definidora de muitos artigos constitucionais, como a proibição do divórcio em casamentos civis, abolida apenas em 1977” (ARRUDA, COSTA, MAGALHÃES, 2020, p. 6). O pesquisador David Mesquiati de Oliveira (2020, p. 11) destaca que “a cultura brasileira absorveu um padrão de moralidade e costumes que se sedimentou em uma sociedade conservadora”. Vale ressaltar que:

Quando o protestantismo chegou ao Brasil, efetivamente a partir do século XIX, era formado por missionários norte-americanos oriundos do sul escravagista, com uma postura também conservadora. O outro ramo protestante que chegou era formado

por bolsões étnicos, como por exemplo os alemães, que ficaram relativamente isolados no país, seja pela reação católica, seja pela barreira cultural (OLIVEIRA, 2020, p. 11).

O protestantismo dialogava pouco com a cultura brasileira, pelo menos até o período da Segunda Guerra Mundial. O culto em muitas igrejas desse seguimento era realizado na língua de origem destas. Neste sentido, o protestantismo mantinha certo distanciamento das massas, no entanto:

A partir do início do século XX, as igrejas pentecostais começaram a surgir no país, como a Congregação Cristã, em 1910, seguida da Assembleia de Deus, um ano depois, tornando-se, até a década de 1950, a igreja pentecostal de maior expressividade (ARRUDA, COSTA, MAGALHÃES, 2020, p. 6).

O pentecostalismo, segundo Saulo Baptista (2009, p. 381), se inseriu no contexto brasileiro “como componente bastante identificado com os seguimentos populares”, fator que explica sua aceitação no país. O antropólogo Juliano Spyer (2020, p. 57) ressalta que o pentecostalismo se trata de “um movimento popular desde sua origem, com forte participação dos pobres e socialmente excluídos”. Neste sentido, percebe-se que o pentecostalismo conseguiu dialogar com a sociedade brasileira, caracterizando-se como um segmento religioso cuja mensagem “é pregada em linguagem simples com exemplos simples por pessoas simples para pessoas simples.” (SPYER, 2020, p. 57). No que tange à participação política dos pentecostais na sociedade brasileira:

Até o final da década de 1970, os pentecostais, de modo geral, eram vistos como apolíticos, sendo, inclusive, acusados de alienados. Já no contexto da redemocratização, em meados dos anos de 1980, muitos dirigentes pentecostais estavam dispostos a participar da redação da nova Constituição [...] (MARIANO, 2012, p. 30).

Nesse contexto, os pentecostais passam a lançar e apoiar candidaturas de religiosos com o intuito de eleger seus próprios parlamentares que os representassem na defesa

pela liberdade religiosa, para evangelizar a política, defender a família, a moral cristã e os interesses das instituições evangélicas, bem como combater iniciativas ou projetos políticos que destoassem da moralidade bíblica, tais como a união civil de homossexuais, a descriminalização do aborto e do de drogas (MARIANO, 2012, p. 30).

Percebe-se, portanto, a sustentação de um discurso conservador pelos pentecostais, fato que é possível considerar devido a fatores sociais e religiosos que moldaram a postura desse grupo na sociedade brasileira, entre eles:

Deve-se considerar que o Brasil foi o último país do Ocidente a abolir a escravidão, somente em 1888, mais de sessenta anos após sua independência em 1822. Em termos teológicos e culturais, o conservadorismo dos sulistas norte-americanos (metodistas, congregacionais, batistas e presbiterianos) foi a base do pentecostalismo brasileiro. Outro fator importante é que a massa que veio a compor as igrejas pentecostais era de origem católica, portanto, impregnada do conservadorismo local. Assim, o conservadorismo pentecostal não se explica como próprio, mas como adquirido dos católicos e dos evangélicos em geral. Num primeiro momento, a pauta conservadora pentecostal na política brasileira é um espelho do conservadorismo dos demais protestantes e católicos (OLIVEIRA, 2020, p. 11-12).

Mesmo com o crescimento numérico do segmento evangélico, sobretudo devido ao pentecostalismo, o Brasil teve apenas dois presidentes evangélicos, “Café Filho (1954-1955) e Ernesto Geisel (1974-1979). Em comum, dois membros de igrejas protestantes históricas (o primeiro presbiteriano, o segundo luterano).” (ALEXANDRE, 2020, p. 201). Ambos assumiram o cargo de presidente da República por meios que não foram as eleições diretas. Café Filho, por exemplo, assumiu a presidência após o suicídio de Getúlio Vargas e Ernesto Geisel foi eleito pelos deputados federais no contexto da ditadura militar.

Nas eleições de 1989, Fernando Collor (PRN) apresenta-se como um candidato conservador, contrastando com Luís Inácio Lula da Silva (PT). O cientista político Jairo Nicolau (2020, p. 69) ressalta que durante o segundo turno das eleições de 1989, “houve uma grande mobilização das lideranças das igrejas evangélicas de matriz pentecostal a favor de Fernando Collor Mello”. No período em que Collor foi eleito presidente, isto é, em

1989, “os católicos representavam cerca de 83% e os evangélicos 9%. Trinta anos depois, a estimativa é que os católicos representassem cerca de 50%; ou seja, em três décadas a proporção de evangélicos mais que triplicou” (NICOLAU, 2020, p. 69).

O crescimento dos evangélicos no Brasil é refletido na sua maior participação na política brasileira. No ano de 2002 se percebe uma mobilização maior dos evangélicos na disputa presidencial do Brasil. Por essa época, a máxima “irmão vota em irmão” passou a ecoar em várias igrejas evangélicas brasileiras apontando Antony Garotinho como o candidato que representaria os ideais deste segmento no poder. Ricardo Alexandre (2020, p. 202) destaca que a campanha de Antony Garotinho “começou, na verdade, em 1999, pouco depois de ser eleito governador do Rio de Janeiro.”

Quatro anos antes deste fato, Garotinho se converte à fé evangélica e passa a ganhar destaque como radialista. Neste contexto, o futuro candidato passa viajar por diversas regiões do país visitando igrejas e contando seu testemunho de conversão. O PDT, partido de Garotinho à época, admitiu que se tratava de uso político da religião pelo candidato. Antony Garotinho sustentava um discurso de cunho nacionalista, moralista e esquerdista (ALEXANDRE, 2020, p. 202).

Membro da Igreja Presbiteriana do Brasil e concorrendo pelo PSD, foi o terceiro candidato mais votado nas eleições de 2002, segundo dados do Eseb-2002², “Garotinho foi o preferido dos evangélicos no primeiro turno (chegando à frente de Lula e Serra)” (NICOLAU, 2020, p. 70). Tendo as eleições caminhado para o segundo turno, que seria disputado pelos candidatos José Serra (PSDB) e Luís Inácio Lula da Silva (PT), declarou seu apoio Lula, fator “considerado fundamental para que diversos líderes evangélicos também acabassem apoiando o petista” (ALEXANDRE, 2020, p. 202).

Na eleição presidencial seguinte (2006), Garotinho tentou candidatar-se novamente,

2 O Estudo Eleitoral Brasileiro (ESEB), *survey* nacional pós-eleitoral de cunho acadêmico, é realizado pelo CESOP desde 2002, sob a coordenação da Profa. Dra. Rachel Meneguello. Trata-se de um projeto ligado ao *Comparative Study of Electoral Systems Project (CSES)*, coordenado pela universidade de Michigan, contando com a participação de dezenas de instituições em vários países. O projeto leva em consideração os contextos sócio-políticos e, em específico, os arranjos institucionais que regem as dinâmicas eleitorais, afetam a natureza e a qualidade da escolha democrática. O ESEB abrange questões sobre aspectos próprios do funcionamento político brasileiro, elaboradas pelos pesquisadores do CESOP em colaboração com pesquisadores de diversas universidades brasileiras e internacionais. Disponível em: <https://www.cesop.unicamp.br/por/eseb>. Acesso em: 23 fev. 2022.

desta vez pelo PMDB, devido sua relação com lideranças evangélicas, ganhou um “quadro semanal no programa Vitória em Cristo, que Silas Malafaia apresentava nas TVs Bandeirantes e RedeTV!” (ALEXANDRE, 2020, p. 202), além de transmitir programas de rádio evangélicos para mais de duzentas emissoras espalhadas pelo país. Todavia, o PMDB optou por não lançar sua própria candidatura para as eleições de 2006.

Membro da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, a candidata Marina Silva concorreu às eleições nos anos de 2010 (PV) e 2014 (PSB), todavia, não obteve o apoio das principais lideranças evangélicas do país. Estatisticamente, “em 2010 ela foi a terceira mais votada entre os evangélicos, atrás de Dilma e Serra; em 2014, foi a segunda colocada, empatada com Aécio (Dilma foi novamente mais votada entre os evangélicos no primeiro turno)” (NICOLAU, 2020, p. 70).

Outro candidato à presidência em 2014 identificado com a igreja Assembleia de Deus foi o Pastor Everaldo, à época vice-presidente nacional do PSC, todavia, embora pastor filiado a uma das igrejas com maior número de membros do Brasil, “obteve apenas 2,6% dos votos válidos” (NICOLAU, 2020, p. 70).

Em 2018, dois candidatos eram membros de igrejas evangélicas: Marina Silva (REDE), e Cabo Daciolo (Patriota), ambos identificados como membros da Igreja Assembleia de Deus. Marina Silva obteve 1% dos votos válidos, ocupando a 8ª posição e Cabo Daciolo contou com 1,26% dos votos válidos, ficando em 6º lugar” no ranking dos candidatos à presidência da República em 2018. Ao final do primeiro turno das eleições de 2018, Jair Messias Bolsonaro (PSL) com 46,03 % dos votos válidos destacou-se como o primeiro colocado, contra Fernando Haddad (PT) com 29,28 % dos votos válidos (ESTADÃO, 2018).

Jair Bolsonaro e Fernando Haddad disputaram o segundo turno das eleições no dia 28 de outubro de 2018, sendo o candidato do PSL o vencedor com 55,13% dos votos válidos contra 44,87% do candidato do PT (ESTADÃO, 2018). Desta forma, Jair Bolsonaro foi eleito como o 38º presidente do Brasil. No que tange ao alinhamento dos evangélicos a Bolsonaro:

Há um argumento corrente para explicar o voto evangélico em Bolsonaro em 2018 – que chamarei de a “hipótese da afinidade conservadora”, e que pode ser estendido a católicos conservadores e a conservadores sem religião –, que

é o seguinte: 1) os evangélicos, em sua maioria, têm posições conservadoras no campo comportamental; 2) Bolsonaro se tornaria um dos principais defensores dos temas conservadores no debate público; 3) em eleição em que um candidato com posição conservadora nos temas comportamentais é adversário de outro com posições progressistas, os evangélicos votarão no candidato conservador (NICOLAU, 2020, p. 76).

Neste sentido, Bolsonaro conquistou em grande medida o voto evangélico em virtude de sua defesa de valores conservadores, geralmente ligados às pautas comportamentais. A seguir, será analisada a carreira política de Jair Bolsonaro e como se deu sua aproximação com pautas conservadoras e, conseqüentemente, dos evangélicos.

2. Bolsonaro: de cadete do exército a presidente da república

Sendo o segundo filho de Percy Geraldo Bolsonaro e Olinda Bonturi Bolsonaro, “Jair Messias nasceu em 21 de março de 1955 na cidade de Glicério, a 440 quilômetros da capital paulista” (CARVALHO, 2019, p. 12). Foi na cidade de Eldorado, porém, que Bolsonaro e seus cinco irmãos passaram a maior parte de suas infâncias. Aos 18 anos, Jair ingressou na Escola Preparatória de Cadetes, e, em 1977, formou-se na Academia de Agulhas Negras – AMAN (ALENCAR, 2020, p. 165).

Em sua carreira militar, o cadete 531, nome de guerra, Bolsonaro, destacou-se nas atividades físicas ao ponto receber o apelido de “Cavalião”, destacando-se também como paraquedista e pelo salvamento de um amigo (CARVALHO, 2019, p. 25, 28). Sua atuação no exército, no entanto, foi relativamente curta e marcada por episódios pouco tranquilos.

Em 1986, durante um período conturbado do governo de transição do Sarney quando o Gel. Leônidas, Ministro do Exército, estava sendo contestado, Bolsonaro publicou um artigo na Revista Veja, reclamando dos baixos salários, e foi interpretado como “faltar com a verdade e macular a dignidade militar”. Acabou penalizado com 15 dias de prisão, mas se tornou conhecido como líder defensor dos militares. No ano seguinte, a mesma revista publicou uma carta e um plano de colocar bombas no quartel como protesto pelos baixos salários, chamado “Operação Beco sem saídas” e atribuído a Bolsonaro. Ele foi condenado inicialmente, mas o

caso chegou ao Supremo Tribunal Militar em 1988, e, com votação de 9 a 4 votos a favor, foi inocentado. Encerrou a vida militar como capitão reformado (ALENCAR, 2020, p. 165).

Bolsonaro tem mais tempo na carreira política do que teve na militar. Entrou para a política 1988, à época, como vereador no RJ, filiado ao PDC. Em seguida, Jair foi deputado federal por 7 mandatos, filiando-se a vários partidos, como “PDC, PPR, PTB, PFL, PP, PSC e PSL” (CÂMARA DOS DEPUTADOS, [s.d.]). No que tange as pautas defendidas pelo parlamentar, verifica-se que nos seus primeiros quinze anos como deputado “pouco se ocupou de assuntos relacionados a políticas de segurança pública ou de combate à criminalidade. Seus discursos e projetos eram sempre relativos aos interesses do universo dos militares” (ALEXANDRE, 2020, p. 184).

Durante sua carreira como parlamentar, Bolsonaro teve apenas dois projetos aprovados, um que isentava produtos de informática do recolhimento do imposto sobre Produto Industrializado e outro que permitia o uso de fosfoetanolamina em pacientes em estado terminal de câncer. Jair Messias era considerado um deputado federal do, como conhecido no meio político, “baixo clero”, isto é, aqueles parlamentares com pouca influência Câmara dos Deputados. A fama midiática deste se amplia por “sempre defender a pena de morte, redução da maioria penal, tortura, violação de direitos e a ditadura dizendo que o maior erro dos militares foi apenas torturar e não matar” (ALENCAR, 2020, p. 166).

Jair Bolsonaro esteve filiado ao Partido Social Cristão (PSC) entre os anos de “2016 – 2018” (CÂMARA DOS DEPUTADOS, [s.d.]), após o rompimento, no dia 7 de março de 2018 Bolsonaro filiou-se ao Partido Social Liberal, sigla pela qual disputaria as eleições no mesmo ano. Com apenas oito segundos de campanha eleitoral na TV durante o primeiro turno das eleições de 2018, Bolsonaro investiu em sua campanha nas redes sociais. O cientista político Jairo Nicolau ressalta que:

Ao longo do seu último mandato como deputado federal (2015-2018), Bolsonaro se transformou no político brasileiro com maior influência nas redes sociais. Em 2014 ele tinha apenas 68 mil seguidores no Twitter; três anos depois esse número já havia

subido para 376 mil. No Facebook, em 2017 ele atingiu 4,2 milhões de seguidores, muito a frente de políticos (Lula tinha 2,9 milhões). Uma matéria da BBC Brasil de maio de 2017 já chamava a atenção de que havia muitas pessoas trabalhando em prol do candidato do PSL em blogs, canais do YouTube, Facebook, Twitter e em grupos de WhatsApp (2020, p. 89).

A atuação de Bolsonaro e seus apoiadores foi decisiva para o sucesso de sua empreitada pela cadeira presidencial do Brasil em 2018. Ainda sobre sua campanha, percebe-se seu discurso foi caracterizado pela defesa da família tradicional e da pátria brasileira (PODER360, 2018), apresentando-se como defensor de tais bandeiras, tecia críticas ácidas ao Partido dos Trabalhadores e aos demais partidos de esquerda, fomentando, assim, o antipetismo.

Desde 2002, as pesquisas mostram que existe um contingente de eleitores que avalia negativamente alguns partidos, mas [...] só um partido gerou um termo próprio para essa rejeição. O antipetismo estaria associado sobretudo ao conservadorismo comportamental e à corrupção. Em 2018, o discurso antipetista foi mobilizado por Bolsonaro de maneira mais intensa do que havia sido mobilizado por adversários do partido em eleições anteriores (NICOLAU, 2020, p. 81).

No dia 1º de setembro de 2018, no Acre, Bolsonaro usa a expressão “vamo fuzilar a petralhada aqui do Acre. Vou botar esses picaretas pra correr do Acre, já que eles gostam tanto da Venezuela, essa turma tem que ir pra lá, só que lá não tem nem mortadela, hein galera, povo tem que comer é capim mesmo hein” (PODER360, 2018). Nesta fala do presidenciável, nota-se o antipetismo por ele incentivado, considerando o PT como responsável pela crise econômica que o país enfrentava em virtude dos escândalos de corrupção que vieram à tona por meio da Operação Lava Jato e envolvendo ex-presidente Lula (2003 – 2010), e que era candidato às eleições em 2018. Além disso, Bolsonaro aponta para um perigo iminente para o Brasil caso as eleições fossem vencidas pela esquerda, o Brasil viraria uma Venezuela no sentido de que uma crise política e econômica se instauraria no país. Neste sentido:

Sua campanha anulou a discussão da tradicional agenda das conquistas sociais e econômicas dos governos do PT. Os temas priorizados foram a corrupção, os vínculos do petismo com os governos de Chávez/Maduro e a política governista de combate à homofobia nas escolas, pejorativamente chamada de “kit gay” (NICOLAU, 2020, p. 82).

Na defesa da família tradicional brasileira, Bolsonaro durante sua campanha fez constantes críticas à ideologia de gênero. Afirmava que havia um projeto da esquerda de implantar nas escolas brasileiras aquilo que denominava de “Kit Gay”. Durante uma entrevista ao vivo ao Jornal Nacional na Rede Globo, o candidato mostrou um livro com o título “Aparelho sexual e cia: um guia inusitado para crianças descoladas”, afirmando que o livro estava presente nas bibliotecas das escolas públicas (PLANTÃO NEWS, 2018). A narrativa construída por Bolsonaro de que havia um plano de implantação da agenda gay nas escolas públicas serviu para corroborar a ideia de que “o PT é um partido de corruptos, que ameaça as famílias tradicionais e quer transformar o país numa enorme Venezuela” (NICOLAU, 2020, p. 82).

O Tribunal Superior Eleitoral proibiu Bolsonaro de mencionar o Kit Gay durante a campanha eleitoral de 2018, pelo fato deste nunca existir. “O que existiu foi um material elaborado por profissionais da educação, gestores e representantes da sociedade civil, destinado ao projeto Escola Sem Homofobia, do Ministério da Educação, em 2004” (ALEXANDRE, 2020, p. 40-41). Por ser considerado inadequado, o referido material foi vetado pela ex-presidente Dilma Rousseff, todavia, alguns trechos do material teriam vazado e foram utilizados para fundamentar a crítica ao plano de implantação do kit gay nas escolas.

Jair Bolsonaro, munido de sua agenda conservadora buscou aproximação do segmento evangélico brasileiro. Durante sua campanha em 2018 citou textos da Bíblia diversas vezes, em especial João 8:32 “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”. O presidenciável “usou o versículo em praticamente todas as entrevistas que concedeu ao longo da campanha bem como depois de eleito, em geral quando compartilhava versões diferentes de fatos divulgados pela mídia tradicional” (ALEXANDRE, 2020, p. 15).

Seu slogan carrega ao mesmo tempo adórgios militares e cristão popular: Brasil acima de tudo (uma referência à sua função de paraquedista do Exército), Deus acima

de todos (uma referência cristã ao fato de que a divindade está acima todos). Bolsonaro foi considerado por uma das lideranças evangélicas de maior expressão no Brasil, o pastor José Wellington Bezerra da Costa, da Assembleia de Deus, como o “único candidato que fala o idioma evangélico” (ALEXANDRE, 2020, p. 40). Todavia, como será tratado a seguir, a aproximação de Jair Messias aos evangélicos não se dá durante sua campanha em 2018, houve uma série de eventos que pavimentaram a união de ambos nas eleições do referido ano.

3. Bolsonaro e os evangélicos nas eleições de 2018

Jair Bolsonaro declara-se cristão de confissão católica romana. Sua aproximação do segmento evangélico se inicia em meados de 2007, quando começou a namorar com Michele de Paula que na época era funcionária da Câmara dos Deputados. A princípio, Michele também era cristã de tradição católica, todavia:

[...] aos 14 anos à converteu-se à tradição evangélica numa igreja batista em Ceilândia, no Distrito Federal. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 2008, depois de assinar um acordo de união civil com Bolsonaro e ser exonerada de seu cargo na Câmara. No Rio, Michele passou a frequentar a Assembleia de Deus Vitória em Cristo, de Silas Malafaia, pastor pentecostal que se apresenta como um defensor da fé cristã, dos princípios e valores éticos, morais e espirituais da igreja evangélica. Foi Malafaia quem celebrou a cerimônia religiosa de casamento entre Michele e Bolsonaro [...]. Aquela seria a terceira união de Bolsonaro, a primeira celebrada por um pastor evangélico (ALEXANDRE, 2020, p. 39).

O ano de 2013 também foi marcado pelas “manifestações de rua e da legalização do casamento homoafetivo” (ALEXANDRE, 2020, p. 39). Em 2016, Eduardo Cunha, então presidente da Câmara dos Deputados e declarado evangélico, foi elogiado por Bolsonaro durante o processo de votação pelo impeachment da presidente Dilma Rousseff e ao justificar seu voto favorável, entre outras declarações, faz referência à família e à inocência das crianças no contexto escolar e recita a frase que se tornaria o slogan de sua campanha presidencial em 2018, Brasil acima de tudo e Deus acima de todos (PODER360, 2021).

É perceptível no discurso do parlamentar, além da referência aos militares, a defesa pelos valores conservadores no campo comportamental. O discurso e a prática de Bolsonaro como parlamentar foram se modificando aos longos dos anos. Numa análise de 1.540 discursos do deputado entre 1991 e 2018, realizada pela BBC Brasil, verificou-se que ocorreu uma mudança radical na ênfase de suas falas, especialmente a partir de seu quinto mandato (2011-2014).

No início, termos como “Forças Armadas”, “benefícios”, “salários”, “pensões” e “militar” revelavam a missão original de Bolsonaro: ser um representante da classe que o absolveu em 1988 e o ajudou a se eleger como político. No primeiro mandato (1991-1994), por exemplo, o conjunto de dezesseis palavras-chave ligadas aos militares aparece 702 vezes, numa média de 2,51 vezes por discurso. No último (2015-2018), apenas 110 vezes, numa média de 0,76 (ALEXANDRE, 2020, p. 38-39).

Nesse período, mesmo que Bolsonaro continuasse mencionando temas e questões relacionadas aos militares, percebe-se que seu discurso se amolda a temas relacionados ao conservadorismo comportamental, como a defesa da família tradicional brasileira, a escola sem partido, a menção de textos bíblicos e de termos cristãos populares em seus discursos, o combate ao comunismo e ao marxismo cultural passam a fazer parte da narrativa construída pelo presidenciável. Desta forma, grande parte dos evangélicos brasileiros veem Bolsonaro como o candidato com maior afinidade ideológica com o discurso religioso cristão. Não obstante o candidato ter casado três vezes e afirmado que usava o auxílio moradia para “comer gente” quando estava solteiro (SERVENTE DE PEDREIRO, 2018), apresentava-se como defensor da família.

Ainda em maio de 2016, precisamente no dia em que o impeachment de Dilma Rousseff seria votado no Senado, Bolsonaro e seus três filhos mais velhos foram batizados no Rio Jordão em Israel pelo pastor Everaldo, líder nacional do PSC. O local além de ter grande simbolismo religioso, haja vista que se trata do local onde Jesus Cristo foi batizado conforme a narrativa bíblica, foi “uma peça fundamental para criar um vínculo do candidato com o mundo evangélico, onde o batismo acontece na fase adulta” (NICOLAU, 2020, p. 74).

Antes mesmo das eleições de 2018, Bolsonaro já havia reconhecido a importância que os evangélicos teriam na corrida presidencial. Em entrevista ao jornal Extra, declarou: “O segmento evangélico está de olho na presidência em 2018, e fico feliz em estar no radar deles” (ALEXANDRE, 2020, p. 191). Sobre a importância dos evangélicos na eleição de Bolsonaro:

Um fator que provavelmente contribuiu para a excelente votação de Bolsonaro entre os evangélicos foi o apoio que ele conquistou de líderes avulsos e da cúpula de diversas denominações. Além das dirigentes nacionais, muitos pastores e lideranças evangélicas, cuja atuação é mais conhecida em âmbito estadual e municipal, se envolveram na campanha do candidato do PSL. Silas Malafaia, pastor presidente da Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo – o líder evangélico mais influente das redes sociais brasileiras –, foi o primeiro a apoiar Bolsonaro em seu Twitter, em fevereiro de 2018; ao longo da campanha, Malafaia se tornaria um ativo cabo eleitoral de Bolsonaro e crítico da candidatura do PT.

Os apoios aconteceram paulatinamente, com um volume cada vez mais intenso no fim do primeiro turno e começo do segundo turno. Entre eles, se destacam o bispo Edir Macedo, da Igreja Universal do Reino de Deus e proprietário da Rede Record – emissora que deu amplo espaço para aparições de Bolsonaro –; José Wellington Bezerra da Costa, presidente emérito da Convenção Geral das Assembleias de Deus; e muitos pastores e cantores gospel com larga influência no mundo evangélico (NICOLAU, 2020, p. 77).

Neste sentido, percebe-se que durante o ano de 2018, Jair Bolsonaro conquistou o apoio de várias lideranças evangélicas, o cientista político Jairo Nicolau (2020, p. 76) também afirma que “temos alguns elementos (relatos de estudiosos, matérias jornalísticas e depoimentos de lideranças religiosas) para acreditar que o conservadorismo de Bolsonaro tenha sido uma das principais razões para ele ter sido bem votado entre os evangélicos.”

O discurso de Bolsonaro que denunciava o kit gay, a ideologia de gênero nas escolas, a implementação de políticas que taxariam as igrejas, a ameaça comunista e o marxismo cultural “espiritualizaram” as eleições de 2018 e criaram um cenário que apresentava o candidato do PSL como a única saída viável para a preservação da família e dos bons

costumes. O atentado que o presidenciável sofreu em 6 de setembro de 2018, reforçou ainda mais essa ideia, pois, “o crime que sofreu não foi interpretado como uma ação isolada de um louco que dizia agir a mando de deus, mas sim fruto de uma conspiração globalista contra a vida do candidato” (MARTINS, 2021, p. 21).

Com o resultado da contagem dos votos do segundo turno apontando Bolsonaro como o vencedor das eleições de 2018, após seu primeiro discurso como presidente eleito, o pastor evangélico e senador Magno Malta fez uma oração diante das câmeras afirmando que “quem unge a autoridade é Deus” e que “o Senhor ungiu Jair Bolsonaro como presidente” (ALEXANDRE, 2020, p. 82), apontando, assim, para uma intervenção divina na eleição do candidato do PSL.

Alguns eventos religiosos que “coroaram” Bolsonaro como o escolhido de Deus, a título de exemplo, em um culto na Assembleia de Deus Vitória em Cristo, presidida pelo pastor Silas Malafaia, o presidente eleito “foi apresentado [...] alguém escolhido por Deus mesmo sendo desprezado pelos poderosos. Malafaia ressignificou um texto bíblico sobre salvação da alma e aplica à eleição de Bolsonaro” (MARTINS, 2021, p. 26).

O deputado federal Sóstenes Cavalcante também afirmou que a “a fachada reforçou muito entre os evangélicos a sinalização de que a eleição de Bolsonaro ocorrerá pela vontade de Deus” (MARTINS, 2021, p. 26). Posteriormente, Bolsonaro foi ungido pelo Bispo Macedo no templo de Salomão, na ocasião, o bispo disse que “iria ungir o presidente da mesma forma que o profeta Samuel ungiu o rei Davi” (MARTINS, 2021, p. 26). Desta forma, verifica-se que além de representar a defesa dos valores cristãos, Bolsonaro foi revestido de uma aura religiosa, onde episódios e doutrinas narrados na bíblia são ressignificados e aplicados ao presidente num processo de mimetização.

Considerações Finais

O presente artigo buscou contribuir para a compreensão de como a religião cristã se fez presente na formação do Brasil desde o período colonial com o catolicismo português e posteriormente com a chegada dos protestantes e o crescimento dos evangélicos em virtude do pentecostalismo. Verificamos que o conservadorismo evangélico, sobretudo no segmento pentecostal não é próprio, mas herdado do catolicismo e de igrejas protestantes

históricas. Também se analisou que a participação dos evangélicos na política se tornou mais efetiva a partir da década de 1970 e após a redemocratização do país 1985. Neste período os evangélicos buscaram uma maior participação no cenário político nacional legendo candidatos que representassem seus interesses.

Ressaltamos que o Brasil teve apenas dois presidentes evangélicos, Café Filho e Ernesto Geisel, porém, desde a eleição de Fernando Collor, os evangélicos estiveram engajados nas eleições presidenciais, fato observado também na eleição disputada por Anthony Garotinho em 2002 e o apoio destes a Luís Inácio Lula da Silva no segundo turno naquele ano. Entre 2010 e 2014, candidatos à presidência da República ligados a igrejas evangélicas, como Marina Silva – nas duas eleições –, e o pastor Everaldo, candidato pelo PSC em 2014, ambos membros da Assembleia de Deus não tiveram êxito.

Em 2018, evangélicos candidataram-se novamente à presidência da República, entre eles Marina Silva (REDE) e Cabo Daciolo (Patriota), porém, foi Jair Bolsonaro (PSL), declarado católico que obteve a vitória nas eleições e a maioria do voto evangélico. Entre os fatores que contribuíram para tal resultado entre os evangélicos, ressaltamos o discurso do presidenciável em defesa da família, da escola sem partido e de outras pautas relacionadas ao conservadorismo comportamental. Tecendo fortes críticas à ideologia de gênero, ao kit gay, à liberação das drogas e arrefecimento das políticas de segurança pública e combate à corrupção, Jair Bolsonaro foi considerado o mais alinhado com o discurso cristão.

Vale ressaltar que o objetivo não foi esgotar o tema ou as possibilidades de pesquisa envolvendo as eleições de 2018, mas buscar compreender como e porque os evangélicos se constituíram enquanto segmento social numa das bases que elegeram Jair Bolsonaro nas eleições de 2018. Desta forma, consideramos que a religiosidade cristã é um fator de destaque nas escolhas políticas de muitos brasileiros. As pautas comportamentais defendidas por Bolsonaro em sua campanha e o apoio que recebeu de vários líderes evangélicos foram fundamentais para sua eleição.

As pautas defendidas por Jair Bolsonaro em sua campanha apresentaram-no como o candidato mais alinhado com as pautas morais de muitos evangélicos brasileiros, o que se constitui numa variável para compreender o amplo apoio que recebeu deste segmento.

Gestou-se também no discurso de campanha desta ala uma imagem pejorativa quanto ao candidato do PT, considerando sua atuação na prefeitura de São Paulo (2013 - 2016), a proximidade ao ex-presidente Lula, que foi considerado como uma figura representativa da corrupção no país em virtude das investigações da Lava Jato e sua prisão, bem como de sua suposta simpatia por pautas que violariam os valores da “família tradicional brasileira”. Desta forma, construiu-se uma imagem sobre Jair Bolsonaro como o único que poderia livrar o Brasil da corrupção, resguardar os valores da família e livrá-lo do comunismo.

Referências

ALENCAR, Gedeon Freire. *Jair Messias Bolsonaro: o “eleito” de Deus?*. Revista Brasileira de História das Religiões, v. 13, n. 37, p. 161-175, 2020.

ALEXANDRE, Ricardo. *E a verdade os libertará: reflexões sobre religião, política e bolsonarismo*. São Paulo: Mundo Cristão, 2020.

ARRUDA, Jéssica de Abreu; COSTA, Guilherme Brum Rodrigues da; MAGALHÃES, Analice Soares. *Influência dos discursos religiosos evangélicos na campanha presidencial de 2018 no Brasil*. Último Andar, v. 23, n. 35, p. 3-22, 2020.

BAPTISTA, Saulo. *Pentecostais e neopentecostais na política brasileira*. São Paulo: Annablume; São Bernardo do Campo: IMIH, 2009.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Jair Bolsonaro Biografia*. [s.d]. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/74847/biografia>. Acesso em: 19 jul. 2021.

CARVALHO, Luiz Maklouf. *O cadete e o capitão: A vida de Jair Bolsonaro no quartel*. São Paulo: Todavia, 2019.

CÉSAR, Elben M. Lenz. *História da Evangelização do Brasil: dos jesuítas aos neopentecostais*. Viçosa: Ultimato, 2000.

ESTADÃO. Eleições de 2018: Apuração 1º turno. [s.d]. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/eleicoes/2018/cobertura-votacao-apuracao/primeiro-turno/presidente>. Acesso em: 15 jul. 2021.

ESTADÃO. Eleições de 2018: Apuração 2º turno. [s.d]. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/eleicoes/2018/cobertura-votacao-apuracao/segundo-turno>. Acesso em: 15 jul. 2021.

ISTOÉ. Na ONU, Bolsonaro faz apelo contra 'crisofobia': 'país é cristão e conservador'. 22 set. 2020. Disponível em: www.istoedinheiro.com.br/na-onu-bolsonaro-faz-apelo-contracrisofobia-pais-e-cristao-e-conservador/. Acesso em: 14 jul. 2021.

MARIANO, Ricardo. *Deus é voto*. Revista de História da Biblioteca Nacional. v. 8, n. 87, p. 30-31, 2012.

MARTINS, Yago. *A religião do bolsonarismo: um ensaio teológico*. Fortaleza: Episteme, 2021.

NICOLAU, Jairo. *O Brasil dobrou à direita: Uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018*. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

OLIVEIRA, David Mesquiati. *Igrejas Pentecostais e sua atuação política recente no Brasil*. Revista Brasileira de História das Religiões, v.13, n. 37, p. 9-23, 2020.

PLANTÃO NEWS. Bolsonaro tenta mostrar livro: Kit Gay, mas Globo não deixa! Ao vivo Bolsonaro no Jornal Nacional. YouTube, 28 ago. 2018. (2min 23s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EHVInLjeq40>. Acesso em: 19 jul. 2021.

PODER360. Primeiro programa eleitoral de Jair Bolsonaro (PSL) – Eleições 2018. YouTube, 1 set. 2018. (15s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WYUqM2zOcbU>. Acesso em: 19 jul. 2021.

PODER360. Bolsonaro cita Ustra no voto pelo impeachment de Dilma Rousseff. YouTube, 17 abr. 2021. (1min 30s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WvN7nYxbH-o>. Acesso em: 19 jul. 2021.

PODER360. No Acre, Bolsonaro fala em fuzilar a petralhada e enviá-los à Venezuela – 1º. set. 2018. YouTube, 3 set. 2018. (37s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p0eMLhCcbyQ>. Acesso em: 19 jul. 2021.

SERVENTE DE PEDREIRO. Bolsonaro diz que usou auxílio-moradia para comer gente. YouTube, 13 jan. 2018. (42s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HwwMlyQkw2Q>. Acesso em: 19 jul. 2021.

SPYER. Juliano. *Povo de Deus: quem são os evangélicos e por que eles importam*. São Paulo: Geração Editorial, 2020.

Submetido em 10 out. 2021

Aprovado em 04 abr. 2022